



ORIENTE MÉDIO

Após receber o prêmio de Israel na Casa Branca, presidente dos EUA anuncia as bases do pacto para pôr fim à guerra em Gaza. Documento prevê libertação dos reféns, desmilitarização do território, anistia a membros do Hamas e governança internacional

Trump e Netanyahu revelam plano de paz

» RODRIGO CRAVEIRO

Andrew Caballero-Reynolds/AFP



Donald Trump (D) e Benjamin Netanyahu (E) participam de entrevista coletiva na Sala de Jantar de Estado, na Casa Branca: "Este é um dos melhores dias da civilização"

Donald Trump pôs fim ao mistério e anunciou o plano dos Estados Unidos para acabar com a guerra na Faixa de Gaza. Com 20 pontos, a proposta prevê a libertação imediata de todos os reféns do Hamas, a desmilitarização do território palestino, a supervisão de um "comitê de paz" liderada pelo presidente americano e pelo ex-premiê britânico Tony Blair, a reconstrução de Gaza e a concessão de anistia aos militantes do Hamas que depuserem armas e que se comprometerem com a coexistência pacífica com Israel (veja quadro).

"Este é, potencialmente, um dos melhores dias da civilização", declarou Trump. "Hoje é um dia histórico para a paz", acrescentou, ao receber, na Casa Branca, Benjamin Netanyahu. "Estamos no mínimo muito, muito perto (...) e quero agradecer a Bibi por realmente se envolver e fazer seu trabalho", disse, ao mencionar o apelido do primeiro-ministro de Israel, que avalizou a proposta de Washington.

"Apoio seu plano para pôr fim à guerra em Gaza, que satisfaz nossos objetivos bélicos, (que) trará de volta a Israel todos os nossos reféns, desmantelará as capacidades militares do Hamas, colocará fim a seu governo político e garantirá que Gaza nunca volte a representar uma ameaça para Israel", assegurou Netanyahu, ao mencionar uma "guerra entre a civilização e a barbárie".

Netanyahu avisou que Israel "manterá a responsabilidade sobre a segurança", mesmo que o Hamas aceite o plano. Também sinalizou que a Autoridade Nacional Palestina (ANP), de Mahmud Abbas, "não terá nenhum papel" na Faixa de Gaza, a não ser que leve adiante "mudanças radicais" — sem, no entanto, explicar o que seriam essas reformas. De acordo com Trump, a retirada israelense ocorrerá "em etapas".

O republicano deu carta verde para Israel, em caso de recusa do Hamas em implementar o plano. "Se o Hamas rejeitar o acordo, o que é sempre possível, Netanyahu, você tem o nosso apoio total para o que precisar fazer. (...) A tirania do terror tem que acabar", comentou o americano. "Se o Hamas rejeitar o seu plano, senhor presidente, ou se supostamente o aceitar e fizer de tudo para combatê-lo, Israel terminará o trabalho sozinho. Isso pode ser feito da maneira mais fácil ou da maneira mais difícil, mas será feito", prometeu Netanyahu. Mais cedo, o israelense conversou por telefone com o premiê do Catar e pediu desculpas pelo bombardeio contra lideranças do Hamas, em Doha.

Saudação

A ANP saudou os "esforços sinceros e determinados" de Trump e afirmou que "confia em sua capacidade de encontrar um caminho para a paz". Na noite de ontem, enquanto voava para Ramallah (Cisjordânia), o embaixador da Palestina no

Os 20 pontos da proposta

A Casa Branca divulgou os itens do plano de paz. Confira abaixo:

- 1 - Gaza será uma zona livre de terrorismo e desradicalizada.
- 2 - Gaza será reconstruída.
- 3 - Se ambos lados concordarem, a guerra acabará imediatamente. Forças israelenses se retirarão até uma linha pré-acordada. Todas as operações militares, incluindo bombardeios aéreos e de artilharia, ficarão suspensas.
- 4 - Dentro de 72 horas depois de Israel aceitar o acordo, todos os reféns, vivos e mortos, serão devolvidos.
- 5 - Assim que todos os reféns forem soltos, Israel libertará 250 prisioneiros condenados à prisão perpétua, além de 1.700 moradores de Gaza que foram detidos após 7 de outubro de 2023.
- 6 - Assim que os reféns forem soltos,

os membros do Hamas que se comprometerem com a coexistência pacífica e a desmantelar armas receberão anistia.

- 7 - Após a aceitação deste acordo, toda a ajuda será enviada imediatamente. Isso incluindo a reabilitação da infraestrutura (água, eletricidade, esgoto), a reabilitação de hospitais e padarias e a entrada de equipamentos necessários para remover escombros.
- 8 - A entrada de ajuda ocorrerá, sem interferência de ambas as partes, por meio da ONU e do Crescente Vermelho.
- 9 - Gaza será governada temporariamente por um comitê palestino tecnocrático e apolítico. O "Conselho da Paz" será liderado

e presidido por Trump, com outros chefes de Estado a serem anunciados, incluindo o ex-premiê Tony Blair.

- 10 - Um plano de desenvolvimento econômico de Trump para reconstruir e energizar Gaza será criado.
- 11 - Será criada zona econômica especial com tarifas preferenciais.
- 12 - Ninguém será forçado a deixar Gaza, e aqueles que desejarem sair serão livres para fazê-lo e retornar.
- 13 - O Hamas concordará em não ter qualquer papel na governança de Gaza. A infraestrutura militar será destruída. Haverá a desmilitarização.
- 14 - Uma garantia será fornecida pelos parceiros regionais para assegurar que o Hamas e as facções cumpram com suas obrigações.

- 15 - Os EUA trabalharão com parceiros em uma Força Internacional de Estabilização (ISF) para ser implantada em Gaza. Ela treinará a polícia local.
- 16 - Israel não ocupará Gaza.
- 17 - Caso o Hamas adie ou rejeite o plano, a proposta acima prosseguirá nas áreas livres de terrorismo entregues às ISF.
- 18 - Um processo de diálogo inter-religioso será estabelecido.
- 19 - Enquanto o redensenvolvimento de Gaza avançar, as condições poderão estar reunidas para um caminho credível rumo a um Estado palestino.
- 20 - Os Estados Unidos estabelecerão um diálogo entre Israel e os palestinos.

Brasil, Ibrahim Alzaben, também demonstrou esperança. "Desde as primeiras horas de 7 de outubro, condenamos o assassinato de civis e chamamos a pôr fim à guerra contra a Palestina", comentou, por meio do WhatsApp. "Qualquer iniciativa que consiga deter o genocídio é bem-vinda. A ANP aceitou a iniciativa", sublinhou. Morador da Cidade de Gaza, o artista

plástico Ahmed Muhanna disse ao **Correio** que tudo o que deseja é o fim da guerra. Ele garantiu que a maioria dos palestinos não apoia o Hamas. "Foi essa organização que nos trouxe a guerra. Somos contra a ocupação com todas as nossas forças. Mas precisamos ser sábios na tomada das decisões." Ele classificou de "inferno" os 724 dias de ataques. "Foram os piores da minha vida."

"Este é um acordo histórico, que permitirá ao nosso povo sanar, pôr fim à guerra e traçar um novo futuro para o Oriente Médio", reagiu o Fórum de Famílias de Reféns e Desaparecidos, grupo que representa os parentes de sequestrados pelo Hamas. Analista especializado em Oriente Médio do Woodrow Wilson International

Center (em Washington), Aaron David Miller é cético em relação ao plano de Trump. "Ele dará a Netanyahu a chance de continuar a guerra. É difícil imaginar o Hamas respondendo com um 'sim' claro; talvez um 'sim, mas'. Trump deixou claro que, se o Hamas disser 'não', Israel continuará a campanha militar", lembrou ao **Correio**.

VENEZUELA

Nicolás Maduro pronto para ganhar superpoderes

O presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, preparou um decreto de "comoção externa" em resposta às "ameaças" dos EUA. Delcy Rodríguez, vice-presidente do regime madurista, declarou que a medida "concede poderes especiais ao chefe de Estado para atuar em matéria de defesa e de segurança", para o caso de os EUA "chegarem ao atrevimento de agredir" a Venezuela. Segundo Rodríguez, o decreto de comoção se insere em uma lei de estado de exceção e irá incluir a "restrição temporária" de direitos constitucionais. Ela advertiu que qualquer pessoa que promover, apoiar, facilitar ou fizer apologia de uma agressão militar será presa e julgada. O governo de Maduro apontou, por exemplo, a líder opositora María Corina Machado

como uma defensora, na clandestinidade, de uma intervenção estrangeira.

De acordo com o jornal venezuelano *El Universal*, o estado de exceção somente será decretado em caso de ataque militar estrangeiro. O presidente da Assembleia Nacional (parlamento, de maioria chavista), Jorge Rodríguez, advertiu o governo de Donald Trump. "Se os Estados Unidos desatarem uma guerra no Caribe, as consequências serão catastróficas para todo o continente americano", admitiu. "É nosso dever insistir na defesa da paz."

"Quem pensa que uma agressão bélica contra a Venezuela só vai prejudicar o povo, o governo venezuelano, novamente estará errado: vai afetar todo o país, talvez por décadas, vai afetar nossa região, não

tenham dúvidas, vai afetar os EUA", concordou a vice-presidente Delcy Rodríguez.

A tensão entre Washington e Caracas atingiu um patamar histórico depois que os EUA mobilizaram oito destróieres (navios de guerra) e um submarino de propulsão nuclear para patrulhar o Mar do Sul do Caribe e combater cartéis de narcotráfico da região, inclusive da Venezuela. As forças americanas teriam destruído pelo menos três embarcações supostamente carregadas com cocaína abastecida pela Venezuela, resultando em 14 mortos.

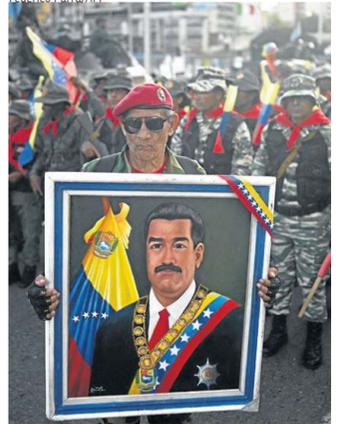
"Paródia de defesa"

Professor da Universidad Simón Bolívar (USB), em Caracas, Jose Vicente

Carrasquero Aumaitre disse ao **Correio** que Maduro "simplesmente acrescenta mais fatos à sua paródia de defesa nacional". "Na realidade, ele tem utilizado, de forma indiscriminada, os poderes que o decreto lhe outorgaria", afirmou. "Ele pretende que os venezuelanos criem que toma ações para resguardar a defesa do país. De concreto, o decreto determina a mobilização das Forças Armadas e a tomada do funcionalismo público, a fim de proceder com a militarização do mesmo. Maduro tem feito isso permanentemente, desde que ascendeu ao poder."

Para Aumaitre, nada há de novo no decreto. "O documento é mais uma peça de geração de notícias em função dos interesses da ditadura." (Rodrigo Craveiro)

Federico Patra/AFP



Membro de milícia bolivariana segura retrato de Maduro, durante mobilização